

Diario de ruta: memoria de una investigación sobre profesores de Portugués Lengua Extranjera □**Geruza Queiroz Coutinho**

Cabe iniciar com uma advertência: o presente trabalho é uma extensão inesperada de nosso projeto de pesquisa, iniciado em fevereiro do presente ano, num desvio do olhar em direção a aspectos nem sempre postos em destaque nos relatórios de pesquisa.

Este é um *collage* – ensaio incompleto em clave de disgressão desintegrando, por ínfimos momentos, as estruturas para celebrar a entrada em cena de um outro conhecimento. Tem, além disso, um relato, similar àqueles com os quais trabalhamos, somando-se ao armado das histórias de vida que conformam uma história de grupo.

Um gesto mais em meio às vozes que nos dão pautas para entender a realidade social. No nosso campo, o da constituição da história do ensino e dos professores de Português na Argentina, isso é um desafio por tratar a história de professores de português, nesta etapa trabalhando com os professores da província de Jujuy, no interior da Argentina, com a sua complexidade inerente. Fazemos história oral onde situa-se um viés de história local. Estamos num começo, com os relatos orais e a memória que aí se constroem, dando protagonismo à fala de professores, professoras e estudantes avançados na formação, tendo o documento oral como forma de aproximação à cotidianidade do ofício.

Na tomada dos depoimentos os traços subjetivos estão e não são escamoteados na análise posterior do seu conteúdo. Há um lugar para a sensibilidade, marchando no sentido contrário ao dos princípios racionais. Este viés busca superar a prática de assinalar um outro - falar sobre professores de português de Jujuy, nesse caso – e afasta-se das atitudes de escrutinar, e inquirir, deixando, com cumplicidade e sem predeterminar horas de gravação, que o relato seja orientado com algumas perguntas, não muito dirigidas, em clima de conversa, dando tempo para que o teor narrativo prevaleça no texto oral produzido. Não vemos os professores entrevistados como informantes, alguns são nossos conhecidos de antes; indício disso são nossas conversas anteriores à gravação, quando contamos

não priorizamos a informação (nos acompanha neste trabalho a famosa frase de Benjamin nos seus estudos sobre o narrador: “cada dia estamos mais pobres de experiência”). Talvez o que precisemos é transformar informação, a informação contida no relato em atitude de conhecimento. Nisso estamos quando tratamos da memória dos professores e professoras que ensinam o português na Argentina que, como tantas outras memórias de professores, está instalada na cultura escolar e em meio a realidades institucionais onde se fazem como história de trabalhadores. Histórias de educadores que também foram educandos e que seguem aprendendo. No seu bojo está a realidade num sentido mais amplo porque aqui e ali está tudo, as políticas educacionais, a presença ou não do Estado, os espaços da ação, as permanências e mudanças. as instituições e o intuitivo. Tudo tem um sabor diferente quando é contado. Porque aquilo que está implícito ou escondido sai a luz, é revisto: o mundo fica menos pobre quando se contam histórias, dizia o mesmo Benjamin. Cada ator toma consciência de que não é figurante, é peça de uma obra coletiva. Por instantes é protagonista, enquanto narra sua história. Vale dizer que ficamos como que maravilhados quando - em entrevistas que não chegam a ser precárias mas que também não representam um esforço sobrehumano de produção - podemos tangenciar histórias do chão da escola. A voz docente nunca é um objeto e, além disso, nos aproxima a "histórias surpreendentes" num espaço recuperado das experiências, ainda seguindo a Benjamin, transformando-as em experiências comunicáveis (BENJAMIN, 1993, p. 198).

Histórias que não estavam esquecidas mas que também não estavam comentadas. A ausência de antecedentes de registros faz com que os depoimentos produzidos sejam o ponto de partida da mediação que permitiu trazer trazê-las -à tona. Até então, talvez pela proximidade temporal, com o passado jogando com as noções de perto e longe, não houve uma pesquisa que problematizasse a criação e manutenção da licenciatura de português em Jujuy.

Apesar da sua riqueza, os registros têm a marca da descontinuidade e é necessário fazer o tecido, ainda que provisoriamente. Muitas vezes isso começa na estrada, quando os pesquisadores voltam pra casa.

Os caminhos conformam um capítulo especial numa pesquisa dessa natureza. Falam-nos das distâncias; isso talvez soe óbvio, mas ganha outra dimensão quando estamos no campo. Muitas vezes são os mesmos caminhos percorridos pelos

colegas do interior, em províncias do Noroeste da Argentina. Metodologicamente, sentir o percurso, nossas idas e vindas, como pesquisadores e como professores, nos faz mais próximos no campo e o registro de tais deslocamentos, assim entendemos, marca nossa memória e acaba por influenciar nosso protocolo de pesquisa.

Este é o sentido de campo que queremos dar nesta pesquisa em andamento. O campo como uma conjunção de tempo e lugar, dando-nos pauta para armar o croqui, sempre provisório pois croqui é, mas dando complexidade ao contexto que pesquisamos. Tomamos o termo “campo” da etnografia clássica mas aqui evita-se pensá-lo simplesmente lugar onde está o “outro”. Trata-se, então, de um empréstimo cuidadoso, porque nossa idéia, reiteramos, não é constituir um outro na nossa pesquisa. Do que se trata é colaborar no sentido de construir juntos o espaço da palavra, colaborando na construção de uma memória que, implícita no início da presente pesquisa, foi ganhando espaço e, como não podia ser, foi ganhando protagonismo, graças à voz docente. Em consonância com o debate da subalternidade - uma leitura teórica que vai ganhando força no debate de nosso continente e que responde à nossa realidade - a pesquisa nasce no interior do país e daí propõe-se a sua expansão. Aqui está o norte, um norte resignificado, construído na medida que o conceito de região vai se armando no fazer da pesquisa. Porque se constroeu na pergunta sobre que significa ser português na Argentina, no NOA, em Jujuy. Este *aqui* do professor é agora o centro, mobilizando representações enraizadas nas práticas dos atores e também dos investigadores (sem dúvida que exercitamos o olhar, uns vendo a San Salvador de Jujuy ou San Pedro como centro do mundo e outros, deixando de ver as mesmas cidades desta forma). Tais *giros* dão densidade à pesquisa e à memória do grupo que vai sendo construída.

Dos relatos podemos perceber que muitas vezes nossos colegas da província de Jujuy chegam à área por casualidade. Quando abriu-se a formação, uma novidade, as expectativas se instalaram no contexto provincial, e alguns arriscaram a opção, por que não provar?. Na entrevista piloto que realizamos já se marcava - a professora nos perguntando: *é para falar a verdade? toda a verdade?* - uma dessas questões casuais, referindo-se ao fato de que a primeira turma começou num mês de agosto e não valia a pena esperar até o outro ano para uma inscrição, porque já

tinha deixado advocacia em Tucumán, não podia mais dar-se o direito de perder tempo. Então, a estudar português! Em outra história, tomada mais recentemente, um quase professor menciona que a mãe trabalhava no instituto e formação docente e foi quem deu a ideia de cursar a licenciatura em português, ainda um caso mais, uma professora estimulou a tentar... As histórias são de idas e vindas. Quem entrou por casualidade em muitos casos ficou e ficou bem, hoje trabalha na área e/ou briga pela inserção do idioma no meio educativo provincial. Durante a formação muitos se deram conta que a proposta correspondia às suas expectativas, trabalhar com a integração regional, saber outro idioma, descobrir o gosto por dar aulas. E a aprendizagem do agradável idioma do *tudo bem, tudo legal*, descoberto nessa oportunidade e resignificado, levou a aqueles estudantes hoje professores (ou quase) a entendê-lo numa outra perspectiva. Os depoimentos tomados inicialmente orientou-nos o olhar para o que não se pre-estabelece, fazendo-nos entender que as pautas seriam dadas pela narrativas que produziríamos, não sempre havendo lugar perfis antecipados. No cotidiano da pesquisa, cabe ressaltar isso ainda que correndo o risco de aproximar-se à obviedade, esta perspectiva indica a necessidade da escuta, formando-nos no que é simples mas ao mesmo tempo difícil de levar a cabo: nós, pesquisadores, sob a simbólica autoridade do exercício científico, decidimos dar prioridade à voz do entrevistado. Nossa primeira prática (não é um dado menor) foi guardar silêncio, deixando o gravador ligado para rolar o depoimento.

E assim sucederam-se as narrativas, na densidade do relato em primeira pessoa, com as vivências ecoando na nossa percepção. De tudo um pouco mencionou-se: o interesse pela cultura brasileira, uma passagem prévia na formação de professores de francês ou a experiência como uma professora de português que também era professora de francês, alguma coisa se viu antes na escola que marcou..., a tensão na militância para instalar a língua no cenário educativo local; por outro lado, a rotina da formação nas aulas noturnas, o que foi lido, o difícil acesso aos livros em português, as estratégias para estudar entre as adversidades de uma licenciatura nova, os textos fotocopiados, a fita cassete reproduzida até o cansaço entre colegas solidários, a relação com as professoras. Retomadas, estas experiências hoje conformam a história dos de Jujuy: de San Salvador, a capital, e das cidades e povoados do interior, Palpalá, Perico, San Pedro, Palma Sola... até o ponto extremo do país, La Quiaca.

Antes como estudantes, agora como professores, suas práticas circulando, tudo denotando o esforço dos atores com suas demandas, estratégias e soluções didáticas. Logo depois, os primeiros passos como professores, não sem antes passar pela etapa de projetos e mais projetos - elaborados numa aprendizagem solitária ou na troca solidária entre colegas – levados em periplo às escolas, deixados nas mãos de diretores que por aí desconheciam que Jujuy já tinha profissionais para ensinar o outro idioma oficial do Mercosul. O português devia estar presente, o que seria levado a cabo em conta-gotas, nas instituições. E para isso, se gastaram solas de sapato.

Conhecemos histórias análogas em outros lugares? Possivelmente sim. Esta realidade não é excludente na constituição do lugar do português ensinado na Argentina, cada vez menos estrangeiro. Fazem parte de nossa memória. No entanto é necessário explicitá-las, dando lugar nas incipientes linhas de pesquisa sobre o nosso ofício no país. Para que consigamos que tais histórias, mais intuitivas que institucionalizadas, somem o comum e o diferente fazendo-se notar e levando a que sejam problematizadas como conjunto. Ao instalar a dinâmica de pensar passado (ainda que próximo) em relação com o presente, trabalha-se também na perspectiva de situar e problematizar a diferença.

Contar sobre estas histórias deixa o mundo menos pobre, retornando a uma noção de Walter Benjamin nas suas reflexões sobre o incessante fluxo de informações das sociedades modernas. E, aqui, contar sobre o caminho tomado na nossa pesquisa regional é uma aposta em estabelecer elos com os entrevistados, buscando, mais: reivindicando, o que temos em comum. Queremos vínculos, temos a atitude favorável ao encontro; no sentir-se compartilhando experiências sobre o nosso fazer. Tomamos consciência do que já se fez e o do que falta. Na costura da pesquisa, um potencial político de criação de uma voz coletiva faz-se visível na região.

E, para finalizar, em função do exposto e dando uma virada nos lugares ocupados por pesquisadores e pesquisados, relatamos sobre nosso cotidiano da pesquisa, no posfácio que segue, somando um ponto ao conto.

Posfácio

Habíamos pensado un viaje a San Salvador para fines de febrero, buscando aprovechar los últimos días antes del inicio de clases. Hablamos con Zulema que comentó que muchos docentes del interior estarían en la capital de la provincia el viernes 26 de febrero para hacer trámites junto a la junta de calificación.

Zulema, desde San Salvador, preparó la agenda de entrevistas para el sábado porque el viernes estarían todos con lo de las presentaciones y por ello mi compañera me comenta de la profesora de San Pedro, así que conseguimos la cita con la profesora Graciela pero tenía que ser en el pueblo de San Pedro, su marido estaba enfermo, ella no podía ir a San Salvador, etc.

El viernes, entonces, San Pedro. Decidido por mensajitos. Había pensado el viernes disfrutar de la capital jujeña con mis hijos. Cambios en la programación y ya está.

Para ello salí de Salta al medio día del viernes, rumbo a la provincia de Jujuy, con el nuevo plan de que nos instaláramos en San Salvador y a las 15 partir a San Pedro que se sitúa a unos cien kilómetros de San Salvador. Una especie de triángulo entre rutas.

Tuve dificultades en la salida de la capital jujeña por una desviación ocasionada por obras en la ruta, retrasando un poco el viaje. Pero yo sabía que debería entrar a la ruta hacia Tartagal.

Logré llegar a la plaza de San Pedro luego de un par de preguntas a vecinos. Llamé a la profesora por el celular y combinamos un encuentro en una confitería céntrica. Los lugareños estaban a punto de empezar el carnaval del último fin de semana de febrero, con decoración alusiva en la plaza.

*Empezamos la entrevista luego de las presentaciones, en una confitería estilo **boite**. Y estrenábamos el grabador digital, recién comprado para el proyecto.*

A la medida que se desarrollaba la entrevista, aumentaba el tránsito en la calle y la circulación de gente en la confi. Pero no se había dado otra opción.

Era mi primera entrevista para el proyecto (con excepción de la entrevista-piloto con Zulema en noviembre de 2009, en la cocina de mi casa, en condiciones informales y hasta podríamos decir muy divertidas). Y era la primera vez que nos veíamos con Graciela. Aun así, la entrevistada no mostró dificultades para hablar frente al grabador. Muy atenta, habló a partir de las pocas preguntas realizadas. Todavía no habíamos discutido en el equipo un protocolo para la entrevista; igual que en la entrevista de Zulema, esta también tenía un carácter de prueba. Pero era diferente,

dado que se desarrolló en una situación más formal. Y ya tenía como cierto, luego de algún debate intra grupo NOA y con el co-director del proyecto, que trabaja en instituciones de provincias del Litoral, que podríamos empezar explorando la cuestión de la formación docente. Sabía que debería contar con mi intuición y alguna experticia anterior, en eso de las entrevistas.

Entre 1999 y 2000, realicé entrevistas con docentes y niños en San Juan y luego de esta experiencia, nada más hice como historiadora oral. Pero me encantaba de estar allí, haciendo esta entrevista. Estaba frente a la iglesia de la plaza central mientras esperaba Graciela, y pensaba en eso de retornar a los caminos de las investigaciones con gente, con el “archivo” conformándose en la ruta, mientras exploraba en el fin de siesta los primeros movimientos del pueblo que despierta. Ya en el viaje, en la soleada tarde de fin de verano, pensaba que, sí, sería lindo salir por el interior, por los pueblos, sintiendo los trayectos trascorridos muchas veces por los docentes que iba a entrevistar.

Luego en el primer tramo de la entrevista constaté que Graciela tenía mucho para decir. Me olvidé de cortar la grabación para chequear si andaba todo bien, de tan bien que iba todo. Así que, el primer archivo de grabación es el más largo, quizás de todo el proyecto. La entrevista se llevó a cabo en dos horas, cafecito de por medio.

Lo que cuenta Graciela, cómoda en el protagonismo que le fue asignado allí, expresa dinámicamente lo que uno viene constatando en charlas con colegas y reuniones de área en la región. Y lo supera en los detalles: el karaoke para promocionar la enseñanza del portugués, el aprendizaje solitario de quien accedió a la profesión en un proyecto a distancia de nación, las ganas de poder decir soy profesora de portugués después de acceder a la limitada certificación de la nación que la dejaba en condición de idónea. Sí, ya teníamos conocimiento de tal situación, pero lo expresado nos permitió reconocer la situación en otra faceta, desde la subjetividad de quien lo ha vivido. Reconocí allí, sin artilugios, la reclamada necesidad de revisión crítica en el campo de las investigaciones en ciencias sociales, constatando también que un cuestionario no daría cuenta de lo que Graciela ha contado, ni tampoco una entrevista colmada de pautas y preguntas directas, con límites de tiempo.

Hablar con la Profesora (así, en mayúscula) de San Pedro reforzó, inesperadamente, mi condición de profesora de portugués, luego de tantos años de radicación en Argentina. Sentí que estamos en el mismo proyecto.

Nos despedimos con el compromiso de un reencuentro próximo. Graciela me dió orientaciones clarísimas para el retorno a San Salvador. En mi entusiasmo, pensando sobre sus dichos en las entrevistas, logré, sí logré, errar el camino, haciendo exactamente lo que ella me dijo que no haga: fui por el lado del pueblo de La Mendieta.

Y ya oscurecía.

Sola, demoré el doble del tiempo para llegar a San Salvador, en un camino de cornisa, absolutamente nuevo para mí. Antes de perder señal en el celular avisé a Zulema que andaba por las bandas de La Mendieta pero que no se preocupara. En una ruta sin buena señalización, pensé cuan alejado es el mundo de Graciela del mío, a pesar de estar distante menos de doscientos kilómetros uno de otro.

*Llegué a San Salvador con llovizna y pasada las nueve de la noche, avisé a una de las compañeras del proyecto, por mensajito, que estaba todo bien. Luego me dirigí al hotel. Abracé con intensidad a mis hijos. Por lo demás era ir a comer unas buenas empanadas jujeñas, antes de seguir con las entrevistas al día siguiente. Muchos archivos digitales todavía no institucionalizados, de grabación, se sumarían en un fin de semana dedicado a la investigación. Faltaba para ello una agenda, ,pensaba mientras manejaba, pero el temblor también nos conmocionaba y **robaba** la conversación. ¡Qué fin de semana che!*

Volvimos con Marcela y los niños, finalizando el día, a Salta, en la ansiedad de saber cómo se encontraban los seres queridos luego del susto del medio día.

Nos esperaba la labor de armar una guía, en los próximos días, con las preguntas que nos orientarían en las próximas entrevistas, una guía que respondiera al desafío de las narrativas buscadas en la voz libre de los profesores de portugués. Asimismo, sentí que las entrevistas de este fin de semana y la de Graciela en especial fueron un bautismo de fuego (27/02/10).

Bibliografía:

Alberti, Verena. *História oral. A experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1989.

I CIPLOM

Congresso Internacional de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL
e
I Encontro Internacional de Associações de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL
Línguas, sistemas escolares e integração regional

Benjamin, Walter. Obras escolhidas. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1993.

Ricouer, Paul. *Tiempo y Narración. El tiempo narrado* (vol. III). México, Siglo XXI, 1996.

Thompson, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.